



A Retórica Amorosa e a Lírica Sensorial nas Canções de Chico Buarque de Hollanda

Samira de Jesus Mór¹

“Chico é todo ele palavra”.
(Frei Betto, p. 53.)

“Se ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios”. Gostaria de começar esse trabalho, lembrando um fato que vivenciei relacionado a uma das músicas de Chico Buarque. Sou professora da EJA, a Educação de Jovens e Adultos, e estava dando aula para uma turma muito querida. O texto que norteava a aula era a letra da canção “Eu te amo”, de Chico e Tom Jobim. As aulas da EJA, no colégio em que trabalho, ocorrem à noite, e os alunos não raramente estão, nas últimas aulas, o que era o caso, bastante cansados. Isso dificulta o aproveitamento, mesmo sendo uma turma de alunos interessados e esforçados como esta em que estava. Então, para garantir a atenção, resolvi ler o texto em voz alta. E, quando terminei, estávamos todos enlevados pelos versos. Sempre gostei de Chico Buarque, mas naquele momento senti como se o tivesse descobrindo, me encontrando com a sua poesia. Uma das alunas me perguntou: “Mas como essa mulher pode mandar um homem desses embora?” Era uma declaração de amor tão perfeita que não podia ser desconsiderada. O amor falhado, falido, rompido por uma das partes daquele casal de forma alguma era indiferente para todos naquela sala, já com experiência suficiente para ter vivido algo parecido. Mas eu me fazia uma outra pergunta: Como é possível compor versos tão bonitos, que consigam sintetizar tão bem a dor de amor? Como não se comover, não se encantar diante de trechos como “rompi com o mundo, queimei meus navios” ou “meu sangue errou de veias, se perdeu”? Mais do que a história contada pela canção, era o modo como as palavras se combinavam, se harmonizavam, o que conseguia transmitir com tanta destreza o drama do fim de uma relação amorosa. A partir daquele dia, passei a ouvir muito mais as canções de Chico do que ouvia antes e descobri por trás das composições, da música, algo que Roland Barthes chama de

¹ Mestranda em Estudos Literários pela UFJF.



fruição. Aquilo que está para além do texto, que perturba, que encanta o leitor e o envolve nas tramas da linguagem. Aquele episódio em sala de aula foi, assim, o que despertou o meu desejo de estudar o amor, a paixão e a força da palavra poética e duplamente erótica, pelo que diz e pelo como diz, nas canções de Chico Buarque de Hollanda.

A temática amorosa que ocupa a maior parte das composições de Chico revela sua capacidade de transformar em palavras os laços fundamentais da vida humana: o amor e o desejo. O amor do encontro dos corpos, esse amor cantado em “Eu te amo” e que comoveu a mim e a minha turma naquela noite. O amor erótico em busca de realização, da satisfação de um desejo sempre renovado, uma pulsão para a vida e para o outro. Evoco aqui o mito das esferas enunciado por Aristófanes em *O Banquete*, de Platão. Segundo esse mito, os homens eram originalmente esferas de quatro mãos, quatro pernas, dois rostos numa única cabeça e dois órgãos genitais. Assim equipados, tinham uma força imensa e um grande orgulho, o que os levou a desafiar os deuses. Como castigo, Zeus os cortou ao meio, dividindo-os em dois. Dessa forma, mutilados de uma metade de si mesmos, os homens passaram a procurar desesperadamente reaver a completude perdida. Segundo o relato de Aristófanes, Eros teria nascido dessa falta, dessa incompletude humana, da busca dos homens por sua metade perdida. Ao tratar das relações amorosas, com seus dramas e dores, a lírica buarqueana traz essa incompletude que o desejo reflete.

As canções lírico-amorosas produzidas a partir de 1972 passam a revelar e a tratar o amor com maior erotismo, tanto as de eu-lírico masculino quanto aquelas em que Chico dá voz à mulher e a seu desejo. Temos o sujeito apaixonado, o enamorado de que nos fala Barthes em *Fragmentos de um discurso amoroso*, é alguém que se torna o sujeito do discurso porque ama e que deixa de ser qualquer um para ser o *eu* que fala, que enuncia: “É, pois, um amante que fala e que diz”. O discurso do enamorado é a necessidade de dizer o amor, de expressar o sentimento que o aflige, e de dizer o outro e ao outro, aquele a quem ama. O sujeito das canções é esse eu que precisa incessantemente falar, mas que já não é ouvido. O objeto de seu amor, aquele por quem quer ser ouvido, já não é mais, já não corresponde a esse amor. A canção é um recado para alguém que não se interessa em recebê-lo. O sujeito amoroso está sempre só e resta-lhe o discurso. O amor feliz, correspondido, não tem história, não precisa dizer, pois ele acontece, ele é vivido. O amor infeliz, o que já não acontece, é que precisa do discurso para falar do que já foi ou do que se gostaria que fosse. E a canção, esse veículo de expressão popular, se reveste desse discurso amoroso para ajudar seu ouvinte a



cantar o próprio amor falhado. Mas canções como “Eu te amo” nos trazem, em versos como “teus seios ainda estão nas minhas mãos” ou “se nós nas aventuras das noites eternas/já confundimos tanto as nossas pernas”, não só o erótico, a sexualidade em si, mas a revitalização dessa sexualidade ao torná-la palavra.

Se o erótico, na vida, já é a poética da sexualidade, na poesia, o erótico é duplamente poético, onde as palavras são gestos grávidos de desejo, querendo estreitar o vão dilacerado entre o corpo, vida (o em-si) e o nome, signo (o Outro).

(Luciana Santaella – Apresentação de *Poética do erótico*, de Samira Chalhub)

O próprio Chico, em mais de uma canção, nos falará do poder da palavra como criadora de significado, como expressão de vida, como representação do amor e do amor contemporâneo, tão carregado de sensualidade, tão ligado aos apelos sensoriais. A retórica amorosa de Chico Buarque é a intenção do compositor de falar de amor, de falar de desejo amoroso, por uma via provocadora de desejo: a sua palavra, o seu verso, a sua música.

O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza. (BARTHES, p. 12)

Em *O prazer do texto*, Barthes nos fala do jogo que se estabelece entre texto e leitor. Um jogo sustentado pelo desejo por algo que se entrevê nas frestas, nas fendas do discurso. A canção de Chico é, assim, esse texto de fruição, provocativo, sedutor, perturbador, envolvente. Uma espécie de encantamento, “texto: (...) lista aberta dos fogos da linguagem” (BARTHES, p. 24).

Referências

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2001.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PLATÃO. *O banquete*. Porto Alegre: LP&M, 2009.